

“Mídia e Gênero na construção do impeachment de Dilma Rousseff”

Autora: **MARIA LÚCIA MORITZ (UFRGS)**

Resumo: Nas eleições brasileiras de 2014 Dilma Rousseff foi reconduzida à Presidência da República por uma pequena margem de votos. Mesmo vitoriosa, logo no início de seu segundo mandato Dilma começou a enfrentar problemas políticos advindos tanto da sua base de apoio como dos opositoristas. Passados 17 meses desde sua posse, a presidenta foi provisoriamente afastada do seu cargo e no final de agosto de 2016 ela teve seu mandato cassado em definitivo pelo Congresso Nacional. Processo esse bastante conturbado, sendo chamado por alguns de “golpe” e por outros de “*impeachment*”, foi também muito contestado, tanto do ponto de vista político como jurídico. Muitos atores estiveram envolvidos nesse processo, partidos políticos, deputados, senadores, Judiciário, polícia federal, opinião pública, mídia, entre outros. Nossa proposta de trabalho é justamente analisar o papel desempenhado pela mídia impressa durante os meses que precederam o afastamento definitivo de Dilma Rousseff da Presidência da República em 31 de agosto de 2016. Partimos da ideia que a mídia é um ator central no jogo político e neste caso em específico, seu desempenho foi fundamental para o desfecho ocorrido. A mídia aqui está sendo entendida como um ente que influencia e é influenciado pelo jogo político e pelas relações de poder aí estabelecidas. Ainda que o campo da política e o campo midiático resguardem sua autonomia, são evidentes as interferências mútuas entre eles, conforme já destacou Pierre Bourdieu (1989) e sua Teoria dos Campos. Entendemos assim, que a mídia constrói e reconstrói significados sociais e tem uma particular capacidade de amplificá-los para o conjunto da sociedade. Entretanto, também propomos lançar um olhar de gênero sobre o material produzido pela mídia no referido período. Para dar conta da presente proposta, a análise se concentrará em dois importantes jornais brasileiros, *Folha de São Paulo* e *O Globo*, publicados entre abril e setembro de 2016. Através da metodologia quali-quantitativa as matérias desses jornais (reportagens, editoriais) serão contabilizadas e categorizadas para posterior tratamento analítico. A análise dos dados levará em conta as contribuições da Teoria Crítica Feminista, assim como os trabalhos de Pierre Bourdieu (1989), Patrick Champagne (1998), Venício A. de Lima (1996), entre outros estudos sobre Comunicação Política.